

Anarquismo e Comunismo “Científico”

Confrontação ideológica entre um Marxista e um Anarquista

Luigi Fabbri, Nikolai Bukharin



Conteúdo

Introdução	4
ANARQUIA E COMUNISMO CIENTIFICO – Nikolai Bukharin	6
CAPÍTULO I	8
CAPÍTULO II	11
CAPÍTULO III	14
ANARQUIA E COMUNISMO “CIENTIFICO” – Luigi Fabbri	16
CAPÍTULO I – A Fraseologia Burguesa do Comunismo “Científico”	17
CAPÍTULO II – O Estado e a centralização da produção	21
CAPÍTULO III – A Ditadura “Provisória” e o Estado	25
CAPÍTULO IV – Anarquia e Comunismo	30
CAPÍTULO V – A Revolução Russa e os Anarquistas	34

Introdução

Qual era o propósito de que Nicolai Bukharin – “o mais forte teórico do partido”, como definido por Lênin – propusesse escrever o breve mas denso texto sobre “anarquia e comunismo científico”?

Na Rússia dos anos 1920, a situação social era como Bukharin escreveu: ruína econômica e decadência da produção e psicologia proletária saudável; tudo isso *“tende a degradar o proletariado às condições de plebes irregulares e cria um terreno mais ou menos favorável a tendência anarquista”*.

Bukharin, ao dizer isso, quer colocar um limite ideológico a essas “tendências” e faz isso traçando *“a linha que separa o comunismo científico marxista das doutrinas anarquistas”*. Portanto, este foi um trabalho de divulgação e propaganda dirigido às massas (o panfleto de Bukharin teve uma enorme difusão não apenas na Rússia, mas também em vários países europeus). É isso que caracteriza essas páginas e as torna particularmente interessantes. Além disso, são uma síntese pequena, mas eficaz, do pensamento marxista sobre as questões fundamentais do papel do Estado proletário, a “ditadura do proletariado” e a organização da produção. A interpretação, e não a “representação” que Bukharin oferece das “doutrinas anarquistas”, responde aos propósitos que o teórico marxista propõe: a anarquia não é apenas delineada, mas também explicitamente definida como *“o produto da dissolução da sociedade capitalista”*, antes, os resíduos produzidos pelo regime bárbaro do capital.

Daí a resposta de Luigi Fabbri. Sua escrita é firme e clara, baseada na realidade e não admite, no mínimo, propaganda retórica e política. Mostra um perfil das “doutrinas anarquistas” completamente diferentes daquele delineado pelo marxista russo.

Os dois textos, aqui publicados em conjunto e pela primeira vez em espanhol, mais de meio século depois da sua primeira edição, constituem um animado debate ideológico, um estimulante “discurso a duas vozes”, cuja utilidade é inegável para compreender as divergências básicas, ainda insuperáveis, entre os socialistas autoritários e os comunistas libertários.

Os textos que fecham o livro pertencem a Rudolf Rocker¹, conhecido em todo o mundo como um dos estudiosos mais profundos e expositivo fecundo e inigualável do ideário anarquista, que em uma breve jornada histórica nos define com mão de mestre as ideias libertárias, o que e o porquê de suas profundas discrepâncias com o comunismo autoritário. As ideias expressas nestas poucas páginas nos dizem claramente sobre esses problemas, tornando-se assim um complemento ideal para as ideias de Luigi Fabbri, e uma obrigação para aqueles que gostam de aprofundar a busca da verdade e da mudança social.

*

**ANARQUIA E COMUNISMO
CIENTIFICO – Nikolai Bukharin**

A decadência econômica, o declínio da produção, inegavelmente acompanha o declínio da boa psicologia proletária; e tudo isso – tendendo a degradar o proletário às condições de plebeus irregulares e transformando elementos de trabalho ativos singulares já em indivíduos desclassificados – cria um terreno mais ou menos favorável às tendências anarquistas. A tudo isto, devemos acrescentar que os sociais-democratas nublou e confundiu o problema da anarquia, adulterando Marx. Consequentemente, acreditamos que é necessário traçar a linha que separa o comunismo científico marxista das doutrinas anarquistas.

CAPÍTULO I

Vamos começar com o “objetivo final” nosso e dos anarquistas. De acordo com a maneira atual de expor esse problema, o comunismo e o socialismo pressupõem a conservação do Estado, enquanto a “anarquia” elimina o Estado. “Defensores” do Estado e “adversários” do Estado: geralmente é o “contraste” entre marxistas e anarquistas.

É necessário reconhecer que não apenas os anarquistas, mas também os socialdemocratas são em grande parte responsáveis por uma definição similar de “contraste”. As conversações sobre o “Estado do futuro” e o “Estado do povo” têm sido muito populares no mundo das ideias e na fraseologia da democracia. Alguns partidos socialdemocratas trabalham, em vez disso, sempre enfatizando de maneira especial o seu caráter de “estatal”. “Somos os verdadeiros representantes da ideia do Estado”, dizia a frase da social-democracia austríaca. Tais concepções não foram apenas divulgadas pelo Partido Austríaco: elas tiveram um certo curso internacional e ainda o têm hoje, na medida em que os antigos partidos ainda não foram definitivamente liquidados. E, no entanto, essa “sabedoria do Estado” nada tem em comum com a doutrina comunista revolucionária de Marx.

O comunismo científico vê no Estado a organização da classe dominante, um instrumento de opressão e violência, e é por este critério que não reconhece um “Estado do futuro”. No futuro, não haverá classes, não haverá opressão de classe e, portanto, nenhum instrumento dessa opressão, nenhuma violência do Estado. O “Estado sem classes” – um conceito em torno do qual os sociais-democratas perdem a cabeça – é uma contradição em termos, sem sentido, um termo abusivamente usado, e se essa concepção forma o alimento espiritual da democracia social, os grandes revolucionários Marx e Engels não tem culpa real.

A sociedade comunista é, portanto, uma sociedade sem Estado. Se sim, e isto é certamente verdade, em que consiste realmente a distinção entre anarquistas e comunistas marxistas? A distinção, portanto, desaparece, pelo menos quando o problema da sociedade futura e o “objetivo final” é examinado?

Não, a distinção existe, mas está na outra direção e pode ser definida como uma distinção entre produção centralizada em grandes fazendas e pequena produção descentralizada. Nós, comunistas, acreditamos que a futura sociedade não deve apenas ser libertada da exploração do homem, mas deve alcançar a maior independência possível do homem em respeito da natureza externa, o que minimiza “o tempo de trabalho socialmente necessário”, desenvolvendo ao máximo as forças sociais produtivas e a mesma produtividade do trabalho social. É por isso que nosso ideal é a produção centralizada e metodologicamente organizada em grandes fazendas e, em última análise, a organização de toda a economia mundial. Os anarquistas preferem um tipo de relacionamento de produção completamente diferente; seu ideal é constituído por pequenas comunas, que, por causa de sua estrutura, não conseguem administrar nenhuma grande fazenda, mas estreitam “acordos” entre elas e se unem por meio de uma rede de contratação livre. É claro que tal sistema de produção do ponto de vista econômico é mais parecido com o das comunas medievais do que com o modo de produção destinado a substituir o capitalista. Mas esse sistema não é apenas retrógrado; é também utópico ao mais alto grau. A sociedade futura não é gerada a partir do nada, nem vai trazer um anjo feito do céu. Ela surge do seio da velha sociedade, das relações criadas pelo gigantesco aparato do capital financeiro. Qualquer nova ordem é possível e útil, somente se houver um desenvolvimento adicional para as forças produtivas da ordem que está prestes a desaparecer. Um desenvolvimento adicional das forças produtivas é naturalmente pensável apenas como uma continuação da tendência de centralizar o processo produtivo, como uma organização intensificada da “administração das coisas”, que toma o lugar da “ordem dos homens” desaparecida.

Agora – os anarquistas responderão – a essência do Estado consiste precisamente em centralização, e desde que você retenha a centralização da produção, você também deve conservar o aparato estatal, o poder da violência, em suma “relações autoritárias”.

Essa resposta é imprecisa, porque pressupõe uma concepção do Estado não científico, mas totalmente infantil. O Estado, assim como o capital, não é um objeto, mas uma relação entre homens, mais precisamente um relacionamento entre classes sociais. É a relação de classe entre aquele que domina e aquele que é dominado. A essência do Estado consiste precisamente nesse relacionamento. Se esta relação cessar, o Estado deixa de existir. Reconhecer na centralização uma característica do Estado é cometer o mesmo erro daqueles que consideram os meios de produção como capital. Os meios de produção só se transformam em capital quando constituem um monopólio nas mãos de uma classe e servem para a exploração de outra classe com base no trabalho assalariado, isto é, quando esses meios

de produção expressam a relação social de opressão e exploração econômica de classe. Por si mesmos, os meios de produção são coisas admiráveis, são os instrumentos da luta do homem contra a natureza. Entende-se então que, na sociedade futura, elas não apenas desaparecerão, mas, pela primeira vez, ocuparão o lugar que lhes corresponde.

No entanto, houve um período de tempo no movimento dos trabalhadores em que os trabalhadores ainda não estavam claros sobre a diferença entre a máquina como meio de produção e a máquina como capital, isto é, como meio de opressão.

E, no entanto, naquela época, os trabalhadores não tendiam a eliminar a propriedade privada das máquinas, mas a destruir as próprias máquinas, a retornar aos instrumentos primitivos do trabalho manual.

Analogamente a isso, é a posição dos anarquistas “que têm uma consciência de classe” em relação à centralização da produção. Ao verem que a centralização capitalista é um meio de opressão, em sua simplicidade eles protestam contra toda centralização produtiva em geral: sua ingenuidade infantil confunde a essência de uma coisa com sua forma social e histórica externa.

Então, a distinção entre nós comunistas e anarquistas em relação à sociedade burguesa, não é que somos para o Estado e eles são contra o Estado, mas sim que somos para a produção centralizada em grandes fazendas elegíveis para desenvolver ao máximo as forças produtivas, enquanto os anarquistas são para uma pequena produção descentralizada, que não pode aumentar, mas apenas diminuir o nível dessas forças produtivas.

CAPÍTULO II

A segunda questão essencial que separa os comunistas dos anarquistas é a atitude em relação à ditadura do proletariado. Entre o capitalismo e a “sociedade futura” há um período inteiro de luta de classes, o período em que os últimos remanescentes da sociedade burguesa serão desenraizados e os ataques de classe provocados pela burguesia – que já caiu, mas ainda resiste -. A experiência da Revolução de Outubro^{II} mostrou que a burguesia, mesmo depois de ter sido “derrubada”, ainda usa os meios que tem para lutar contra os trabalhadores; e que no final depende da reação internacional, de tal maneira que a vitória final dos trabalhadores só será possível quando o proletariado libertar o mundo inteiro do capitalista canalha e sufocar completamente a burguesia.

Portanto, é bastante natural que o proletariado use uma organização para sua luta. Quanto mais vasto, forte e sólido for essa organização, mais rápida será a vitória final. Tal organização transitória é o Estado proletário, o poder e a dominação dos trabalhadores, sua ditadura. Como todo poder, o poder dos proletários é também a violência organizada. Como todo Estado, o Estado proletário é também um instrumento de opressão. Não é necessário, no entanto, lidar formalmente com a questão da violência. Tal seria o modo de conceber um bom cristão, um tolstoiano, mas não um revolucionário. Quando se pronuncia sobre a questão da violência no sentido afirmativa ou negativa, é necessário ver contra quem a violência é usada. Revolução e contrarrevolução são atos de violência em igual medida, mas desistir por essa razão da revolução seria tolice.

A mesma abordagem pode ser feita para a questão do poder e violência autoritária do proletariado. Essa violência é certamente um meio de opressão, mas usada contra a burguesia. Isso implica um sistema de represálias, mas também essas represálias são dirigidas contra a burguesia. Quando a luta de classes atinge o ponto máximo de tensão e se torna uma guerra civil, não se pode falar em liberdade individual, mas é preciso falar da necessidade de reprimir sistematicamente a classe exploradora.

O proletariado deve escolher entre duas coisas: ou esmagar definitivamente a burguesia derrotada e defender-se contra seus aliados internacionais, ou não fazê-lo. No primeiro caso você deve organizar este trabalho, conduzi-lo de maneira sistemática, estendê-lo até onde suas forças chegarem. Para fazer isso, o proletariado precisa de uma força organizada a todo custo. Esta força é o poder do Estado do proletariado. As diferenças de classe não são apagadas do mundo com um traço de caneta. A burguesia não desaparece como classe depois de ter perdido o poder político. Da mesma forma, o proletariado é sempre proletariado, mesmo após sua vitória. No entanto, isso já tomou sua posição de classe dominante. Ele deve manter essa posição ou imediatamente se fundir com a massa restante, que é profundamente hostil a ele. É assim que o problema é apresentado historicamente e não pode ser resolvido de duas maneiras diferentes. A única solução é esta: como força propulsora da revolução, o proletariado tem o dever de manter sua posição de governante até conseguir converter sua imagem em outras classes. Então – e só então – o proletariado desfaz sua organização estatal e o Estado “morre”. Com respeito a este período de transição, os anarquistas assumem uma posição diferente, e a diferença entre nós e eles é efetivamente resolvida em ser ou contra o Estado comum proletário, por ou contra a ditadura do proletariado.

Todo poder, antes o poder geral, é inaceitável para os anarquistas em qualquer circunstância, porque é uma opressão, ainda que exercida contra a burguesia. Por esta razão, no atual período de desenvolvimento da revolução, os anarquistas unem-se à burguesia e aos partidos colaboracionistas, lançando gritos contra o poder do proletariado. Quando os anarquistas gritam contra o poder do proletariado, eles deixam de ser os “esquerdistas” ou os “radicais”, como costumam ser chamados; pelo contrário, eles se tornam maus revolucionários, que não querem liderar uma luta de massa organizada e sistemática contra a burguesia. Renunciando à ditadura do proletariado, eles se privam da arma mais válida para a luta; lutando contra essa ditadura, desorganizam as forças do proletariado, tiram a arma das mãos e, objetivamente, ajudam a burguesia e os traidores sociais, agentes dela.

O conceito fundamental que explica a posição dos anarquistas em face da questão da sociedade futura e sua atitude em relação à ditadura do proletariado é facilmente detectável: consiste em sua aversão, como em princípio, ao método de ação de massa sistemática e organizado.

Da teoria anarquista, segue-se que o conseqüente anarquismo deve ser contrário ao poder soviético e combatê-lo^{III}. Mas uma vez que tal atitude seria obviamente absurda para os trabalhadores e camponeses, não há muitos anarquistas que extraiam essa conseqüência de seus postulados, mas ao contrário, há

anarquistas plenamente satisfeitos para se sentarem no supremo órgão legislativo e executivo do poder de Estado do proletariado, isto é, no Comitê Executivo Central do Soviete.

É evidente que isso é uma contradição, um abandono do ponto de vista genuíno anarquista. Mas entende-se que os anarquistas não podem ter um amor especial pelos soviéticos. Na melhor das hipóteses, eles apenas “aproveitam-se deles” e estão sempre dispostos a desorganizá-los. Desta abordagem emerge uma outra diferença prática bastante profunda: para nós, a tarefa principal é dar a base mais ampla possível ao poder das organizações de massa proletárias – aos Conselhos de Trabalhadores –, reforçá-las e organizá-las; enquanto os anarquistas devem conscientemente evitar esse trabalho.

Nossos caminhos no campo da práxis econômica durante o período da ditadura do proletariado são também profundamente divergentes. A condição fundamental para a vitória econômica sobre o capitalismo é evitar que a “expropriação dos expropriadores” não degenerem em uma distribuição, embora em partes iguais. Toda distribuição produz pequenos proprietários, mas da pequena propriedade reaparece a grande propriedade capitalista, e assim o compartilhamento da posse dos ricos leva necessariamente ao renascimento da mesma classe de “ricos”.

A tarefa da classe trabalhadora não consiste em fazer uma distribuição favorável à pequena burguesia e ao povo desorganizado, mas na utilização social e coletiva sistemática e organizada dos meios de produção a serem expropriados.

E isso, por sua vez, só é possível no caso em que a expropriação é realizada de maneira orgânica, sob o controle das instituições proletárias; caso contrário, a desapropriação adquire um caráter abertamente desorganizador e facilmente se degenera em uma simples “apropriação” por pessoas privadas daquilo que deveria ser propriedade social.

A sociedade russa – e especialmente a indústria e a produção agrícola – está passando por um período de crise e ruína total. Não apenas a destruição óbvia das forças produtivas, mas também a desorganização colossal de todo o aparato econômico é a causa dessas tremendas dificuldades. Por isso, os trabalhadores devem se preocupar, agora mais do que nunca, em fazer exatamente o inventário e o controle de todos os meios de produção, casas, produtos de consumo apreendidos, etc. Tal controle só é possível se a expropriação for realizada não por indivíduos ou grupos privados, mas pelos órgãos do poder proletário.

CAPÍTULO III

Nós não polemizamos explicitamente com os anarquistas como se fossem delinquentes, criminosos, bandidos, etc. Para os obreiros, o importante é entender a perniciosidade de sua doutrina da qual deduz-se uma práxis nociva.

O centro do argumento não pode consistir em uma controvérsia superficial. Mas tudo o que foi dito até agora explica por si mesmo porque são precisamente os grupos anarquistas que rapidamente geram grupos de “expropriadores” que expropriam para seus próprios bolsos e por que o crime se reúne em torno dos próprios anarquistas. Sempre e em toda parte há elementos obscuros que exploram a revolução com o propósito de enriquecimento pessoal. Mas onde a expropriação atua sob o controle das organizações de massa, é muito mais difícil que a situação de ganho pessoal ocorra.

Por outro lado, quando por razões de princípio se evita participar em ações de massas organizadas, e estas são substituídas por ações de grupos livres “que decidem por si mesmos”, “autonomamente e independentemente”, cria-se a melhor terra para “expropriações” de tal forma que eles não diferem teoricamente ou praticamente dos feitos de um ladrão de rua vulgar.

O lado perigoso das expropriações individuais, confiscos, etc., não consiste apenas no fato de que eles impedem a criação de um aparato de produção, distribuição e controle; mas também consiste no fato de que esses atos desmoralizam completamente e prejudicam a consciência de classe dos homens que os realizam, que não estão acostumados a eles por seu trabalho comum com seus pares e com as exigências da vontade coletiva, e substituir esses sentimentos pela discrição de um grupo singular ou mesmo de um “indivíduo livre” singular.

A revolução dos trabalhadores tem dois aspectos: o da destruição e o da criação ou reconstrução. O lado destrutivo revela-se sobretudo na destruição do Estado burguês. Os oportunistas social-democratas afirmam que a conquista do poder pelo proletariado não significa, em absoluto, a destruição do Estado capitalista, mas uma “conquista” semelhante existe apenas nas cabeças de alguns indivíduos. Na realidade, a conquista do poder pelos trabalhadores só pode ser conseguida destruindo o poder da burguesia.

Neste trabalho de destruição do estado burguês, os anarquistas podem fazer um trabalho positivo, mas são organicamente incapazes de criar um “novo mundo”, e por outro lado, após a conquista do poder pelo proletariado, quando o trabalho mais urgente é construir o socialismo, então os anarquistas cumprem uma missão quase exclusivamente negativa, perturbando essa construção com suas ações selvagens e desorganizadoras.

Comunismo e revolução comunista, aqui é a causa do proletariado, da classe produtiva ativa, pelo mecanismo de grande produção. Todos os outros estratos das classes pobres podem se tornar agentes da Revolução Comunista apenas quando forem colocados na retaguarda do proletariado.

A anarquia não é a ideologia do proletariado, mas a dos grupos que são desclassificados, inativos, separados de todo trabalho produtivo: é a ideologia de uma classe de mendigos (“lumpen proletariat”) uma categoria que é recrutada entre os proletários, intelectuais arruinados, decadentes burgueses, camponeses rejeitados de sua família e empobrecido; um grupo de pessoas que não são capazes de criar nada de novo, nenhum valor, mas apenas de se apropriarem do que eles apropriaram através de “confiscos”. Esse é o fenômeno social da anarquia.

A anarquia é o produto da desintegração da sociedade capitalista. A característica dessa miséria é causada pela dissolução dos laços sociais, pela transformação de pessoas que outrora eram membros de uma classe em “indivíduos” atomizados que não mais dependem de qualquer classe, que existem para “eles mesmos”, que não trabalham e que, para preservar seu individualismo, não estão subordinados a nenhuma organização. Isso é miséria produtiva pelo regime capitalista bárbaro.

Assim, uma classe tão saudável quanto a dos proletários não pode ser infectada pela anarquia. Somente em caso de desintegração da mesma classe trabalhadora pode um dos seus polos emergir anarquia, como um sintoma de doença. E a classe trabalhadora, lutando contra sua dissolução econômica, também deve lutar contra sua dissolução ideológica, produto do qual é anarquia.

**ANARQUIA E COMUNISMO
“CIENTIFICO” – Luigi Fabbri**

**CAPÍTULO I – A Fraseologia
Burguesa do Comunismo
“Científico”**

Um livreto de doze páginas do excelente teórico foi recentemente publicada – foi apresentado pela primeira vez ao público pela imprensa socialista e comunista – Nicolai Bukharin, com o pomposo título de “Anarquia e Comunismo Científico”, encarregado da editora do Partido Comunista da Itália. Vamos ver o quanto “ciência” existe dentro.

Bukharin não expõe nenhuma ideia genuína do anarquismo, nenhum dos postulados do programa comunista anarquista, como eles realmente são; nem se dá ao trabalho de aprender sobre ideias anarquistas, extraíndo informações da fonte direta de sua literatura histórica e teórica. Ele só repete lugares comuns, falando descuidadamente de acordo com o que ouviu, jogando fantasia sobre as questões do anarquismo que ele menos conhece. Uma incompreensão semelhante da teoria e tática da anarquia não pode ser encontrada, exceto nos escritores mais superficiais e de má fé da burguesia, trinta ou quarenta anos atrás.

É, em substância, uma escrita bastante banal e sem importância. Mas foi difundido na Itália sob a égide de um partido composto principalmente de proletários, e é apresentado aos trabalhadores como uma refutação do anarquismo. Os editores italianos apresentam o livreto de Bukharin como uma obra de admirável clareza, que esculpe a inconsistência e o absurdo da doutrina anarquista. Por isso, vale a pena mostrar como nada é mais absurdo, inconsistente e ridículo do que essa “ciência” de não saber nada com o qual se tenta desacreditar a ideia de anarquia.

Por outro lado, o folheto de Bukharin foi para nós outra ocasião para fazer propaganda sobre nossas ideias entre os trabalhadores, a quem nos dirigimos de maneira especial e da qual lidamos acima de tudo; e certamente não uma tentativa de convencer pessoalmente o autor ou os editores do livro, com quem perderíamos tempo^{IV}.

Para caracterizar o vazio e a ignorância que predomina entre essas pessoas que se batizam como cientistas – são sempre os mais ignorantes que precisam ou não ter graus acadêmicos legítimos – a fraseologia daqueles que amam fazer pompa é suficiente.

Esta fraseologia assemelha-se à ferraria que os piolhos ressuscitados e as poses que eles assumem são lançados, passando arrogantemente entre as pessoas, como se dissesse: “Fique de lado, deixe-nos passar; e cuidado de não nos descobriremos diante de nossa sublimidade”. E quando eles falam, em sua incomensurável pretensão, eles desprezam todos os miseráveis mortais, sem perceber que dizem não só burradas, mas verdadeiros insultos – impróprios de indelicadeza e vilões – àqueles a quem são dirigidos.

Ouça, por exemplo, como e com que prosopopeia Bukharin trata os anarquistas, jogando na cara a condescendência de ter discutido teorias que ... não sabem. “Nós não polemizamos expressamente com os anarquistas como se fossem delinquentes, criminosos, bandidos etc.” É a dialética dos jesuítas, que ensina a lançar o insulto fingindo não querer dizê-lo ... Mas isso, para concluir mais tarde que dos grupos anarquistas vêm “os expropriadores para seus próprios bolsos”, ou ladrões se quiserem, e que “entorno dos anarquistas, o crime é coletado”.

Que impudência! Em seu ódio pelos rebeldes, por todos aqueles que por seu amor à liberdade não querem se submeter aos seus desejos e não querem sofrer suas imposições, no movimento trabalhista hoje e na revolução de amanhã, eles não são tímidos em se inclinar para pegar, jogar contra os anarquistas, a pior lama de calúnia e difamação de delegacias de polícia e jornalismo burguês. Parece que eles estavam lendo libelos policiais! E essa mercadoria é rolada, esses lugares comuns de insulto bruto, sob o nome de “ciência”?

Como discutir coisas semelhantes? A organização anarquista não pretende ser constituída por pessoas superiores aos outros, seus homens têm, naturalmente, os defeitos comuns a todos os mortais, e por isso, como todo partido^V, também a organização anarquista tem suas deficiências, suas escórias; e sempre pode haver indivíduos que procurem cobrir suas próprias tendências mórbidas e antissociais com sua bandeira. Mas certamente não em uma proporção maior do que nos outros partidos. Ao contrário! Pelo contrário, as piores formas de delinquência, fruto do egoísmo e da ambição, o espírito de interesse e lucro, são mantidas longe do anarquismo, pelo fato de que em seu campo há pouco ou nada a ganhar e quase tudo a perder.

Creem os “cientistas” do comunismo, para que pudéssemos confortavelmente retornar esse tipo de ataque, se não acreditássemos que nos rebaixaríamos ao fazê-lo e se não fôssemos persuadidos de que não adiantaria nada! “Aqueles que, como diz Bukharin, aproveitam a revolução para seu interesse

peçoal” não está entre os anarquistas que podem ser encontrados mais facilmente, seja na Rússia ou fora dela ...

A anarquia, apresentada por Bukharin, seria “um produto da desintegração da sociedade capitalista”, uma espécie de infecção que se difunde predominantemente entre escória social, entre indivíduos atomizados, de todos os tipos, que existem apenas para si mesmos, que não funcionam, organicamente incapazes de criar um mundo e novos valores: proletários, intelectuais pequeno-burgueses, decadentes, camponeses empobrecidos, etc.

O que Bukharin toma por “anarquia” não seria uma ideologia do proletariado, mas um produto da dissolução ideológica da classe trabalhadora, a ideologia de uma multidão de mendigos. Em outro lugar ele chama^{vi} o “socialismo da plebe”, do proletariado ocioso e vagabundo. Em outro ponto de seu livreto antianarquista, Bukharin chama isso de “plebe esfarrapado”.

Não acredite leitores que seja um exagero. O que eu repeti aqui acima são expressões citadas literalmente, apenas resumidas ou condensadas por razões de espaço: suficientes, no entanto, para dar uma ideia do que Bukharin vê em nada menos que o fundamento social da anarquia.

Os trabalhadores que nos leem, mesmo aqueles que são os mais afastados de nós, por menos que saibam sobre o anarquismo, sabem o suficiente para fazer justiça a si mesmos a essas extravagantes simplicidades. Não só na Rússia existem anarquistas para os trabalhadores italianos, eles podem receber vagalumes de lanternas, enquanto as crianças são contadas as fábulas de ogros e feiticeiros. Os proletários da Itália, em meio aos quais os anarquistas são bastante numerosos em todos os lugares, podem responder por nós que em tudo que Bukharin fantasia não há nada de verdadeiro.

O anarquismo, embora não tenha a pretensão de ser uma “doutrina do proletariado” – prefere ser uma doutrina humana – é, na verdade, uma doutrina seguida quase exclusivamente pelos proletários: a burguesia e a pequena burguesia, os chamados intelectuais, profissionais etc. são muito raros e não exercem nenhuma influência predominante. Há infinitamente mais e eles têm uma maior predominância em todos os outros partidos, que, no entanto, chamam a si mesmos de proletários, incluindo o “comunista”. E, em geral, os proletários anarquistas não constituem, de fato, uma categoria especial melhor ou pior: eles funcionam como os outros trabalhadores, pertencem a todos os ofícios, existem na grande e na pequena indústria, nas fábricas, no marco, nos campos; eles pertencem às mesmas organizações de trabalho que outros, etc., etc.

Há, é claro, tem anarquistas também, entre as categorias mais infelizes do proletariado – entre aqueles que Bukharin orgulhosamente sintetiza como uma turba esfarrapada –, mas não é, no mínimo, um fenômeno exclusivo da anarquia. Se assim fosse, se de fato todos os mendigos, todos os trapos, toda a plebe que mais sofre com a opressão capitalista nos viesse, não estaríamos nem um pouco descontentes; nós a receberíamos de braços abertos, sem desdém injusto e sem preferências erradas. Mas é um fato – negar a fantástica catalogação de Bukharin – que a anarquia tem seus capangas entre essas categorias na mesma proporção que entre as outras que os outros partidos têm, sem excluir o partido comunista.

O que resta, com isso, de toda a fraseologia pseudocientífica de Bukharin contra o anarquismo?

Nada, mas a revelação inconsciente de um estado de espírito, que deve colocar o proletariado em guarda, o preocupa seriamente com o perigo que ele enfrentará se, por sua própria desgraça, confiar nesses doutrinários do comunismo ditatorial com seu próprio destino.

Quem fala com tanto desprezo pela “turba esfarrapada”, a “turba dos mendigos”, a “escória”, etc.? São precisamente os pequenos-burgueses, antigos ou recentes, vindos da burguesia ou do proletariado, que hoje dominam as organizações, nos partidos, no jornalismo de trabalho, cabeças de todos os tipos, que constituem a classe dominante de amanhã, uma minoria também, que exercerá a exploração e a opressão das grandes massas de outra maneira, circulando as categorias mais afortunadas do proletariado cidadão – aquelas da grande indústria – com a exclusão e o dano de todos os outros.

Bukharin imprudentemente confessa em seu livreto, quando ele faz do comunismo e da revolução uma espécie de monopólio da única parte do proletariado soldada pelo mecanismo de grande produção. “*Todos os outros estratos das classes pobres*”, continua ele, “*podem se tornar agentes da revolução apenas na medida em que se colocam na retaguarda do proletariado*”. Então, as “classes pobres” que não pertencem à grande indústria, não seriam proletárias? A profecia de Bakunin seria verdadeira, segundo a qual a pequena minoria de trabalhadores industriais pode se tornar o explorador e governante das

grandes massas pobres. Mesmo que isso não seja explicitamente dito, isso é intuído pela linguagem que esses futuros governantes – na Rússia já dominam hoje – usam para as classes pobres e desafortunadas, a quem atribuem a missão passiva de se colocar atrás da minoria que eles querem que suba ao poder. Essa linguagem desdenhosa e arrogante revela – repito um estado de espírito: o humor dos patrões, dos governantes, em relação aos servos e aos súditos. É a mesma linguagem que é usada entre nós pelos carreiristas da burguesia e especialmente a pequena burguesia, contra o bloco proletariado: *“mendigo, esfarrapado, triste, incapaz de criar, de não trabalhar etc.”*

Trabalhadores italianos leem o panfleto de Bukharin: nós, para fazer valer as nossas razões, não precisamos fazer o silêncio conspirar em torno do que nossos oponentes escrevem e dizem, ou recuar ou distorcer suas ideias. Nós preferimos ter todo o interesse de que os proletários confrontem nossas ideias com as ideias opostas. Mas se você ler as breves páginas de Bukharin, não sabemos que impressão elas sentirão ao encontrar, dirigidas contra os anarquistas, a mesma fraseologia burguesa ultrajante com a qual na Itália hoje os trabalhadores e revolucionários são todos vituperados, incluindo os próprios comunistas!

Com tudo isso, é precisamente Bukharin que tem a coragem de dizer que os anarquistas se juntam à burguesia e aos partidos colaboracionistas contra o poder do proletariado! Naturalmente, Bukharin é cuidadoso em não fornecer argumentos e fatos para provar tal afirmação, pura e simples difamação! Os fatos, toda a história do anarquismo de cinquenta anos, o heroísmo de tantos anarquistas russos mortos de 1917 em diante com a arma usada para defender a revolução de seu país, todos contribuem para provar brilhantemente o contrário.

Os anarquistas lutam contra todo o poder, contra toda a ditadura, também se for coberto pelo manto proletário. Mas para isso eles não precisam se unir à burguesia ou colaborar, seja na Rússia ou em outro lugar. Os anarquistas podem orgulhar-se de constituir em toda parte a única organização que – ao custo de quase sempre permanecer sozinha – sempre foi, desde o surgimento, irredutível e intransigente contra qualquer forma de colaboração de Estado ou de classe, nunca deponha armas em sua posição de inimigo contra a burguesia.

Mas não tomamos a caneta apenas para discutir ou refutar frases vazias, difamatórias e ultrajantes. No livreto de Bukharin também se tenta discutir algumas idéias do anarquismo ou atribuí-las a ele; e deste lado, por mais miserável que seja, dedicaremos a maior parte de nosso breve trabalho de controvérsia e propaganda – ocupando-se menos de Bukharin – e mais argumentos a que se refere aqui e ali, mantendo tanto quanto possível a discussão em um campo impessoal e sem se preocupar mais com a fraseologia irritante e antirevolucionária com a qual nosso adversário afoga as poucas razões que ele aduz.

CAPÍTULO II – O Estado e a centralização da produção

Os escritores comunistas – entre eles especialmente Bukharin – há algum tempo atribuem um erro aos anarquistas, que os anarquistas sempre refutaram e que até ontem era um erro exclusivo dos social-democratas da Segunda Internacional: o de fazer tudo consistir o contraste entre o marxismo e o anarquismo no objetivo final da abolição ou não do Estado na futura sociedade socialista.

Os socialistas democráticos – que na época se chamavam “cientistas” como os comunistas agora – afirmaram em um momento a necessidade do Estado no regime socialista e fingiram ser marxistas. Até recentemente, foram apenas – ou quase – os escritores anarquistas que revelaram essa falsificação do marxismo, da qual agora eles gostariam de torná-los corresponsáveis.

No Congresso Internacional Trabalhista e Socialista de Londres, em 1896 – no qual a exclusão dos anarquistas foi deliberada (os únicos que se chamaram comunistas) dos congressos internacionais porque eles não aceitaram a conquista do poder como um meio e um fim – foi Errico Malatesta quem mencionou que originalmente o objetivo final dos anarquistas e socialistas era único, pela abolição do Estado, e que os marxistas haviam abandonado as teorias de Marx.

Nos escritos dos anarquistas foi repetida infinitas vezes a notória interpretação anarquista do socialismo que Karl Marx deu em 1872, no curso de uma de suas polêmicas mais violentas com Bakunin:

“Todos os socialistas entendem isso como anarquia: quando o objetivo do movimento proletário foi alcançado, isto é, a abolição das classes, o poder do Estado – que serve para ter a grande maioria produtiva sob o jugo de um pequeno explorador minoritário – desaparece e as funções governamentais se transformam em simples funções administrativas”.^{VII}

Não aceitamos essa concepção marxista de anarquia, porque não acreditamos na morte natural ou fatal do Estado, como consequência automática da abolição das classes. O Estado não é apenas um produto da divisão de classes; mas é em si um gerador de privilégios e, portanto, produz novas divisões de classes. Marx errou ao considerar que, se as classes fossem abolidas, o Estado morreria de morte natural, como por falta de comida. O Estado não deixará de existir se não for deliberadamente destruído, da mesma forma que o capitalismo não deixará de existir se não for morto expropriando-o. Deixando um Estado no lugar, ele gerará em torno de si uma nova classe dominante, se ele não preferir pacificar com o antigo. Em substância, enquanto o Estado existir, as divisões de classe não cessarão e as classes nunca serão definitivamente abolidas.

Mas aqui não é o caso de ver o quanto ideológico está na ideia de que Marx foi feito do fim do Estado. É um fato que o marxismo concorda com o anarquismo ao defender que o comunismo leva à morte do Estado: só que, de acordo com o marxismo, o Estado deve morrer uma morte natural, enquanto de acordo com o anarquismo, não será capaz de morrer, mas de morte violenta.

E isso, repetimos, os anarquistas – em suas polêmicas com os social-democratas – apontaram de 1880 até hoje uma infinidade de vezes.

Os comunistas autoritários, enquanto com razão criticam o conceito socialdemocrata (ao mesmo tempo erroneamente atribuindo isso aos anarquistas), que a diferença substancial entre o socialismo e o anarquismo está no objetivo final da eliminação do Estado, por sua vez se transforma em um erro similar e talvez mais sério.

Eles, e para eles Bukharin, argumentam que a “diferença real” entre anarquistas e comunistas de Estado consiste nisso: que *“enquanto o ideal dos comunistas é a produção centralizada e metodicamente organizada em grandes fazendas, o ideal dos anarquistas consiste na constituição de pequenas comunas, que por sua estrutura não conseguem administrar nenhuma grande fazenda, mas sim acordos estreitos entre eles por meio de uma rede de contratações gratuitas”.*

Seria interessante saber em que livro, panfleto ou programa anárquico tal “ideal” é formulado, ou melhor, como um mazacote^{VIII}!

Seria necessário saber por que defeitos estruturais, por exemplo, uma pequena comunidade não poderia administrar uma grande propriedade, e por que isso deveria ser impedido pelo fato de contratar ou trocar livremente, etc. Assim, os comunistas de estado imaginam que os anarquistas são por uma pequena produção descentralizada. Pequena, porquê?

Acredita-se, provavelmente, que a descentralização de funções sempre signifique a todo custo o esmagamento da produção e que a produção em grande escala, a existência de vastas associações de produtores, é impossível sem a centralização de sua gestão em um único escritório central, segundo um

apenas plano direto. Isto sim que é infantilidade! Os comunistas marxistas, especialmente os russos, são hipnotizados à distância pela miragem da grande indústria do Ocidente e da América e trocam pela agência de produção aquilo que é exclusivamente um meio de especulação tipicamente capitalista, um meio de exercer a exploração com mais segurança; e eles não percebem que esse tipo de centralização, longe de atender às verdadeiras necessidades de produção, é uma mudança precisamente aquela que a limita, a impede e a retarda de acordo com o interesse capitalista.

Quando os comunistas ditatoriais falam da “necessidade de produção”, eles não distinguem as necessidades sobre as quais obter uma quantidade maior e uma melhor qualidade dos produtos – a única coisa que importa do ponto de vista social e comunista – das necessidades inerentes do regime burguês, a necessidade dos capitalistas de ganhar mais, mesmo que isso signifique menos produção. Se o capitalismo tende a centralizar seus próprios esforços, não o faz no interesse da produção, mas exclusivamente no interesse de ganhar e acumular mais dinheiro – o que raramente aconselha os capitalistas a deixar enormes extensões de terra intocadas, para deter certas produções; E até mesmo destruir produtos acabados -! Apesar de todas essas considerações, a questão real do contraste entre comunistas autoritários e comunistas anarquistas não está aqui.

Os anarquistas não têm, na melhor maneira de administrar material e tecnicamente a produção, nenhum preconceito ou apriorismo absoluto, e se inclinam para o que, dentro de uma sociedade livre, aconselha a experiência e impõe as circunstâncias. O importante é que, seja qual for o tipo de produção adotado, é pela livre vontade dos próprios produtores, e sua imposição não é possível, não há como explorar o trabalho dos outros. Dadas essas premissas fundamentais, a questão de como organizar a produção fica em segundo plano. Os anarquistas não excluem a priori nenhuma solução prática e também admitem que pode haver várias soluções divergentes e contemporâneas, depois de experimentar quais trabalhadores podem encontrar o caminho certo para produzir mais e melhor.

Os anarquistas se opõem fortemente ao espírito autoritário e centralista dos partidos do governo e de todas as concepções políticas estatais, centralistas por natureza. Por isso, concebem a futura vida social numa base federalista, do indivíduo à corporação, à comuna, à região, à nação, ao internacional, com base na solidariedade e no livre acordo. E é natural que esse ideal também se reflita na organização da produção, fazendo preferir, na medida do possível, um tipo de organização descentralizada; mas não como uma regra absoluta para prevalecer em todos os lugares e em todos os casos. A mesma ordem libertária, por outro lado, tornaria impossível impor tal solução unilateral.

A propósito, os anarquistas rejeitam a ideia utópica dos marxistas de uma produção organizada a priori e unilateralmente de tipo centralizado, regulada por um escritório central que vê tudo e cujo julgamento é infalível. Mas se eles não aceitam a solução marxista absurda, eles não caem no extremo oposto, no apriorismo unilateral das *“pequenas comunas que fazem apenas uma pequena produção”* atribuída a eles pelos escritores do comunismo “científico”. Muito pelo contrário, desde 1890, Kropotkin tomou como ponto de partida “o estado atual das indústrias, onde tudo se cruza e se sustenta reciprocamente, onde cada ramo da produção usa todos os outros”; e mostrou como exemplos de possíveis organizações comunistas anárquicas, com as modificações necessárias, algumas dos maiores organismos nacionais e internacionais de produção e distribuição, dos serviços públicos e cultura.

Os autoritários do comunismo, sectários e dogmáticos por conta própria, não podem esperar que os outros sejam diferentes deles; por isso nos atribuem seus mesmos defeitos. Acreditamos numa linha geral, mesmo no terreno econômico – desde que nossa hostilidade seja dirigida predominantemente em suas manifestações políticas – que a centralização seja a direção menos útil, menos consoante com as necessidades práticas da vida social. Mas isso não nos impede de reconhecer que pode haver certos ramos de produção, certos serviços públicos, alguns escritórios administrativos, escritórios de câmbio, etc., nos quais a centralização de funções também é necessária. Nesse caso, ninguém se oporá a isso. O importante para os anarquistas é que não há centralização de poder; Vale dizer que, sob o pretexto de uma necessidade prática, não é possível impor à força a todos os métodos desejados por poucos. Perigo que será eliminado se, desde o início, for abolida qualquer autoridade governamental, qualquer órgão policial que possa ser imposto pela força e com o monopólio da violência armada.

Ao erro dos neo-marxistas da centralização forçada e absoluta, não nos opomos à descentralização pela força e em todas as coisas, o que seria um erro idêntico no sentido oposto. Nós preferimos uma direção descentralizadora; mas no final das contas, no caso de um problema prático e técnico, nos

referimos à experiência livre, sob cuja orientação será decidido, de acordo com os casos e circunstâncias, no interesse comum, pelo aumento da produção e de um modo que, nem de um sistema nem de outro, pode resultar em dominação ou exploração do homem pelo homem.

Não é necessário confundir a centralização política do poder estatal nas mãos de poucos, com a centralização da produção. Isto é tão verdade que hoje a produção não está centralizada no governo, pelo contrário, é independente e descentralizada entre os vários proletários, indústrias, empresas, corporações, companhias internacionais, etc.

A essência do Estado, de acordo com os anarquistas, portanto, não consiste (como imaginam os comunistas autoritários) na centralização mecânica da produção – o que é uma questão diferente, de que já falamos antes na centralização do poder, isto é, acima de tudo na autoridade coercitiva de que o Estado detém o monopólio, na organização da violência chamada “governo”; no despotismo hierárquico, jurídico, policial e militar que impõe todas as suas leis, defendendo os privilégios da classe proprietária e criando os seus próprios. Mas entende-se que se à centralização no governo, mais ou menos ditatorial, de todos os poderes militares e políticos, se agregara na centralização econômica da produção – para dizer que o Estado era ao mesmo tempo carabineiro e empregador e que o escritório também era quartel –, então a opressão estatal se tornaria intolerável – e as razões da hostilidade, por parte dos anarquistas, seriam multiplicadas –.

Infelizmente, esta é a abertura óbvia da estrada pela qual os comunistas autoritários foram. Nem eles negam isso.

Com efeito, o que os comunistas querem fazer na prática? O que você começou a fazer na Rússia? A ditadura militar e estatal opressiva e violenta mais centralizada. E com isso, o Estado ditatorial é confiado ou encarregado de, em conjunto, confiar a gestão da riqueza social e da produção: o que exagera e torna hipertrófica a autoridade do Estado, também em prejuízo da produção, e tem como consequência a constituição de uma nova classe ou casta privilegiada em vez da antiga. Especialmente em dano da produção: não é necessário insistir nisto; e a experiência russa mostrou que não estamos errados – porque se a Rússia é hoje – está lutando nos terríveis esmagamentos da fome, isso é certamente devido ao infame bloqueio do capitalismo ocidental e à excepcional seca do clima; mas os efeitos desorganizadores da centralização ditatorial burocrática, política e militar contribuíram em grande medida.

Os comunistas autoritários dizem que querem alcançar também a abolição do Estado: conhecíamos essa opinião desde a época de Marx e Engels. Mas a opinião ou a intenção não é suficiente: é necessário agir de acordo desde o início. Por outro lado, os comunistas ditatoriais, com a direção que dão ao seu movimento e querem imprimir a revolução, colocam-se precisamente na direção oposta àquela que leva à abolição do Estado e do comunismo.

Eles vão diretamente para o “*Estado forte e soberano*” da memória socialdemocrata e para uma dominação de classe mais arbitrária, sob a qual o proletariado de amanhã será obrigado a fazer uma nova revolução. Os comunistas que querem seriamente o comunismo, que meditem sobre este erro fatal que mina das bases todo o edifício dos partidos comunistas autoritários, em vez de perder tempo em fantasiar sobre erros imaginários dos anarquistas. Que tem todo o direito de responder às críticas dos estadólatras do comunismo. Doutor, cure-se!

CAPÍTULO III – A Ditadura “Provisória” e o Estado

A verdadeira questão essencial, a diferença que separa os autoritários dos libertários do comunismo, é a da direção a ser impressa na revolução, declarar estatal segundo alguns, e anárquica segundo outros.

É bem verdade que entre o regime capitalista e o regime socialista haverá um período intermediário de luta, durante o qual o proletariado terá que trabalhar para arrancar os restos da sociedade burguesa, e que nesta luta os trabalhadores revolucionários terão que participar da linha de frente usando a força da organização. Por outro lado, os revolucionários e o proletariado em geral precisarão de organização não apenas por causa da necessidade de luta, mas também pela necessidade de produção e vida social, que não podem ser detidos.

Mas se a luta e a organização têm o propósito de libertar o proletariado da exploração e do domínio do Estado, a orientação, formação e direção não podem ser confiadas precisamente a um novo Estado, que estaria interessado em imprimir uma direção totalmente contrária à revolução.

O erro dos comunistas autoritários, para esse fim, é acreditar que não é possível lutar e se organizar sem se submeter a um governo; e é por isso que eles veem nos anarquistas – hostis a toda forma de governo, mesmo que transitórios –, os inimigos de toda organização e de toda luta coordenada. Nós mantemos, pelo contrário, não apenas que a organização e a luta revolucionária são possíveis fora e contra toda interferência governamental, mas que estas são as formas verdadeiras e únicas de organização e luta, porque todos os membros da comunidade participam ativamente delas, em vez de serem passivamente confiados à autoridade dos líderes supremos.

Todo organismo governamental é um obstáculo à organização real das grandes massas, da maioria. Quando há um governo, o único verdadeiramente organizado é a minoria que o compõe; e se, no entanto, as massas se organizam, isso acontece contra o governo, fora dele ou, pelo menos, independentemente dele. Fossilizando-se em um governo, a revolução seria desorganizada como tal, porque lhe confiaria o monopólio da organização e os meios de luta. A consequência seria que um novo governo – baseado na revolução e atuando por um período mais ou menos longo de seu poder “provisório” – estabeleceria os fundamentos burocráticos, militares e econômicos de uma nova organização estatal duradoura, em torno da qual naturalmente seria criada uma rede compacta de interesses e privilégios; e em pouco tempo haveria, não a abolição do Estado, mas um Estado mais forte e mais vital que o antigo, que exerceria novamente a função que lhe é própria – e que Marx reconhecia – de *“manter a maioria em produção sob o jugo de uma pequena minoria de exploradores”*.

Isso mostra a história de todas as revoluções, da mais antiga até a mais recente; e isto é confirmado – pode-se dizer que sob os nossos olhos – pelo desenvolvimento diário da revolução russa.

Sobre a “provisoriedade” do governo ditatorial não é o caso de pensar muito. Provisório provavelmente será a forma mais dura e violenta de autoritarismo; mas precisamente neste período violento de compreensão e coerção serão lançadas as fundações do governo ou Estado duradouro de amanhã.

Por outro lado, até mesmo os próprios comunistas deram pouca confiança a essa “provisoriedade” da ditadura. Radek e Bordita nos disseram há muito tempo que duraria uma geração (o que não era pouco). Agora, em seu panfleto, Bukharin nos adverte que a ditadura deve durar até que os trabalhadores obtenham uma vitória completa e que essa vitória será possível *“Somente quando o proletariado libertou o mundo inteiro do ladino capitalista e sufocou a burguesia em toda parte e completamente”*^{IX}.

Se isso fosse verdade, significaria remover primeiro o proletariado russo e, depois, todas as outras nações, toda esperança de libertação, e adiar isso até os calendários gregos, porque é bem compreendido que, por mais disseminada e radical que seja uma revolução, antes que esta ganhe completamente e em todo o mundo, não uma, mas muitas gerações devem passar.

Felizmente, esse pessimismo antirrevolucionário está completamente errado. É um erro, por outro lado, da pura marca reformista, como também na Itália, em 1919, era uma questão de impedir todas as tentativas revolucionárias *“destinadas a fracassar se a revolução não fosse levada a cabo em todas as outras nações”*. Na realidade, a revolução também é possível em áreas relativamente limitadas. A limitação no espaço implica uma limitação em sua intensidade, mas a classe trabalhadora sempre terá adquirido um grau de emancipação e liberdade digno do esforço realizado, se ela não cometer o erro de se castrar – isto é, confiar nas mãos de um governo em vez de contar consigo mesma, com sua própria força, com sua própria organização autônoma –.

O governo, e mais ainda a ditadura, prejudica a revolução não porque seja violenta, mas porque sua violência é autoritária, opressora, agressiva, militarizada e não mais libertadora, e não apenas um retorno ao combate a uma violência oposta.

A violência é revolucionária quando é utilizada para libertar-se da opressão violenta dos que nos exploram e dominam, logo que se organiza, por sua vez, sobre as ruínas do antigo poder, na violência do governo, na violência ditatorial, torna-se contrarrevolucionário.

“Mas, eles nos dizem, *é necessário ver contra quem a violência do governo é usada*”. Ela começa, certamente, sendo empregada contra o antigo poder, contra os desejos daquele que tenta a vingança; contra os poderosos estrangeiros que assaltam o território, seja para sufocar a revolução, seja para aproveitar a desordem momentânea para satisfazer suas próprias visões imperialistas. Mas, à medida que o novo poder se consolida, os antigos inimigos passam para a segunda linha; antes, ele se torna indulgente com eles, procura contatos e relações com potências estrangeiras, ele pede aos generais e aos industriais do antigo regime que colaborem com ele; E o punho de ferro da ditadura sempre e mais fortemente se revolta contra o proletariado, cujo próprio nome foi constituído e exercido!

Isso também é demonstrado pelos fatos do atual regime russo em que a “ditadura do proletariado” se manifesta (e não poderia ser diferente) como a polícia e a ditadura militar, política e econômica, dos poucos líderes de um partido político sobre toda a grande massa proletária de cidades e campos.

A violência do Estado acaba sempre por ser usada contra os sujeitos, a grande maioria dos quais é sempre composta por proletários. “Mas, eles se opõem a nós, *distinções de classe não são apagadas do mundo com um golpe de caneta; a burguesia não desaparece, como classe, depois de ter perdido o poder político, e o proletariado é sempre um proletariado, mesmo após sua vitória, depois de ter acesso à posição da classe dominante*”^X.

O proletariado é sempre um proletariado? Oh! O que aconteceu com a revolução então? Mas se é precisamente aqui o cúmulo do erro bolchevique, do novo jacobinismo revolucionário: na concepção da revolução, no início, como um simples fato político, no único deslocamento da burguesia do poder governamental, para colocar em seu lugar os líderes do partido comunista, enquanto o proletariado continua sendo proletário, isto é, privado de tudo e obrigado a continuar vendendo por um salário, horas ou dia, seus braços para viver! Se isso acontecer, é o fracasso antecipado da revolução!

É verdade que as divisões de classe não são canceladas com pinceladas de caneta, ou com as pinceladas de teóricos ou com as dos rabiscos de leis e decretos.

As divisões da classe são canceladas apenas com os fatos, isto é, com a expropriação direta (não governamental) dos proletários, exercida sobre a classe privilegiada. E isso é possível imediatamente, desde o começo, somente o antigo poder foi derrubado; e é precisamente quando um novo poder não é constituído. Se o proletariado espera, para proceder à expropriação, a um novo governo emergir e tornar-se forte, corre o risco de nunca alcançar o sucesso e permanecer sempre proletariado, isto é, explorado e oprimido.

E quanto mais se espera para praticar a expropriação, menos fácil ela será; e se logo então se confia no governo, de modo que ele seja o expropriador da burguesia, ele será traído e espancado! O novo governo também pode expropriar a antiga classe dominante no todo ou em parte, mas apenas para constituir uma nova classe dominante, à qual a generalidade do proletariado continuará sujeita.

O capitalismo não deixaria de ser tal se passasse do privado para o “capitalismo de Estado”. O Estado, nesse caso, não teria cumprido uma expropriação, mas uma apropriação. Uma multidão de chefes teria se transformado em um patrão único, o governo, que também seria mais arrogante, precisamente porque, além de ser ilimitadamente rico, ele teria ao seu lado a força armada com a qual dobraria os proletários à sua vontade. E estes, nas fábricas e nos campos, seriam sempre assalariados, isto é, explorados e oprimidos. E vice-versa, o Estado, que não é uma coisa abstrata, mas um organismo feito de homens, seria o conjunto organizado dos dominadores e chefes de amanhã – que não teria falta de uma maneira de buscar uma sanção para seu domínio em uma nova legalidade de base mais ou menos eleitoral ou parlamentar –.

Mas a expropriação, se insiste, é necessária para ser feita com um certo método, organizado para o benefício de todos; é necessário conhecer os meios de produção disponíveis, casas e terrenos, etc. A expropriação não pode ser feita por indivíduos ou grupos privados, que a transformariam em vantagem

egoísta, constituindo novos proprietários privilegiados. Portanto, um poder proletário é necessário para lidar com isso.

Tudo seria justo, sem a cauda em que ... há veneno! Essas pessoas são realmente curiosas, gostariam de alcançar (em teoria) a abolição do Estado e que, na prática, não sabem conceber a menor função da vida que não tenha um caráter estatal!

Nem mesmo os anarquistas concebem a expropriação como uma espécie de

“quem toma, toma”, deixado a critério pessoal e sem qualquer ordem^{xI}. Mesmo que seja previsível e inevitável no início da desordem que a expropriação assuma um caráter individual – assim como nos centros mais remotos e em certas áreas do campo –, não é, de fato, na intenção dos comunistas anárquicos adotar um critério similar. Será, diante desses casos, o interesse de todos os revolucionários de não bater muito em certas camadas da população, que poderão se convencer mais facilmente com a propaganda e com o exemplo da superioridade da organização comunista libertária. O que mais importa é que ninguém, no dia seguinte à revolução, tenha o poder ou os meios econômicos para explorar o trabalho dos outros.

Mas nós anarquistas pensamos que a partir de agora é necessário preparar as massas – espiritualmente, com propaganda e materialmente, com a organização anarquista e proletária –, para realizar logo, durante a revolução e depois, todas as funções da luta e da vida social e coletiva; e, uma das primeiras será justamente a função expropriadora. Para subtrair o objetivo da expropriação de grupos individuais ou privados, não há necessidade de gendarmes, não há necessidade de cair da panela para as brasas da tutela do Estado: não há necessidade de governo.

O proletariado já tem, localidade por localidade, em toda parte e em estreita relação entre si, um número de instituições próprias, livres e independentes do Estado: ligas e sindicatos, câmaras de trabalho e cooperativas, federações, uniões e confederações, etc. Outros organismos coletivos serão formados, durante a revolução, mais em harmonia com as necessidades do momento; e ainda outros, de origem burguesa, mas radicalmente modificados, podem ser usados, dos quais hoje não nos ocupamos: consórcios, anteriormente autônomos, etc. A própria Rússia nos deu, pelo menos nos primeiros momentos da revolução – quando o povo ainda desfrutava de sua liberdade de iniciativa – o exemplo da criação desses novos institutos socialistas e libertários em seus sovietes e em seus conselhos de fábrica.

Todas essas formas de livre organização do proletariado e da revolução sempre foram aceitas pelos anarquistas, embora aqueles que descrevem os anarquistas como contrários às organizações de massa e os acusem de evitar participar de ações organizadas em massa por “razões de princípio”. A verdade é o oposto. Os anarquistas não veem nenhuma incompatibilidade entre a ação vasta e coletiva das grandes massas e a de seus grupos livres mais limitados: em vez disso, eles buscam enquadrar os últimos naquilo, para inspirar tanto quanto possível a própria direção revolucionária. Se os anarquistas frequentemente discutem e criticam as organizações proletárias guiadas por seus adversários, eles não lutam com o fato da própria organização, mas exclusivamente sua direção reformista, legalista, autoritária e colaboracionista – que, por outro lado, os comunistas autoritários também fazem em todos os lugares onde não são os dirigentes da organização proletária –.

Alguns escritores comunistas ditatoriais – reforçando a velha fraude socialdemocrata que os anarquistas só querem destruir e não reconstruir, e é por isso que eles são adversos à organização das massas – deduzem que o fato dos anarquistas se interessarem pelos sovietes, na Rússia, é uma contradição com suas ideias e é uma maneira simples de explorá-las e também de desorganizá-las.

Se isso não é uma calúnia direta, é, no entanto, uma prova da incapacidade desses maníacos do autoritarismo de compreender algo que não seja a arrogância do Estado. O regime soviético, para os autoritários do comunismo, não consiste no fato de que sovietes livres e chefes de si mesmos gerem diretamente a produção, os serviços públicos, etc., se não exclusivamente no governo que, dizendo-se soviético, de fato, ele foi sobreposto aos sovietes, anulou-lhes toda a liberdade de ação, toda espontaneidade em sua formação, reduzindo-os a engrenagens mecânicas e passivas, obediente ao governo ditatorial central. O Qual, quando qualquer soviético mostra sinais de independência, dissolve-o sem mais delongas e fábrica artificialmente outro do seu grau.

Tudo isso é chamado de “*dar uma base mais ampla ao poder das organizações proletárias*”; e consequentemente os anarquistas russos, que logicamente e justamente sempre se opuseram a esse estrangulamento

real do movimento soviético primitivo, emergiram livremente da Revolução (isto é, eles defendem os soviéticos contra os ditadores como eles os defenderam contra a reação burguesa) eles se tornam – milagres da dialética marxista – apenas eles, inimigos dos soviéticos. Dada a sua mentalidade, os marxistas não podem compreender que o chamado “poder soviético” é a anulação dos soviets proletários e populares, e é por isso que os adversários do primeiro podem ser – na esfera proletária e revolucionária, entende-se – seus melhores amigos.

Os anarquistas então não têm essa aversão preconcebida, em princípio, ao “método da ação de massa metódica e organizada” – que eles têm o prazer de suportar pelo conforto controverso e pelo espírito sectário de nossos adversários –, mas eles só se opõem ao método autoritário e despótico especial dos comunistas de estado, o método libertário, mais suscetível precisamente ao interesse e a colocar em ação; as grandes massas, porque deixa estas liberdades de iniciativa e ação e as interessa em ação coordenada desde o primeiro momento, dando-lhes o objetivo principal e direto da expropriação.

Essa direção libertária também pode não levar diretamente à abolição do Estado – não porque seja impossível, mas porque o número daqueles que o querem não é suficiente, porque o rebanho humano é muito grande e sente a necessidade do pastor e do bastão –, mas também nesse caso ele prestará um grande serviço à revolução, conseguindo economizar o máximo de liberdade possível, influenciando o eventual governo a ser o menos forte, quanto menos centralizado, menos despótico o que as circunstâncias permitem dizer, isto é, espremendo da revolução a utilidade máxima para o proletariado, o máximo de bem-estar e liberdade.

Rumo à abolição do capitalismo, os capitalistas são expropriados para o benefício de todos, e não criando um capitalismo pior: o capitalismo de Estado. Para a abolição do Estado vai ser lutado enquanto existir, minando-o cada vez mais, tirando o máximo possível de autoridade e prestígio, enfraquecendo-o e despojando-o de todas as funções sociais que os trabalhadores puderam realizar por si mesmos através de suas organizações revolucionárias ou de classe – e não, como afirmam os comunistas autoritários –, constituindo nas ruínas do Estado burguês outro Estado que é ainda mais forte, com maiores funções e maior poder.

Tomando este último caminho, são precisamente os comunistas autoritários que impedem a organização e a ação das grandes massas, que vão no caminho diametralmente oposto ao que leva ao comunismo e à abolição do Estado. Eles estão no absurdo, como seria no absurdo que, querendo ir de Roma a Milão, pegue a estrada que leva a Nápoles.

CAPÍTULO IV – Anarquia e Comunismo

*

Um mau hábito, contra o qual é necessário reagir, é aquele que foi tomado por algum tempo por comunistas autoritários para opor o comunismo à anarquia, como se as duas ideias fossem necessariamente contraditórias, o hábito de usar esses dois termos, comunismo e anarquia, como se fossem antagônicos entre si, e o outro tivesse um significado oposto ao outro.

Na Itália, onde por mais de quarenta anos estas palavras têm sido usadas como um binômio inquebrável, do qual um termo completa o outro, e juntos são a expressão mais exata do programa anárquico, essa tentativa de desconsiderar um precedente histórico de tamanha importância e também de inverter o significado das palavras, é ridículo e só serve para gerar confusão em ideias e infinitos mal-entendidos em propaganda.

Não é ruim lembrar que foi precisamente em um congresso das Seções Italianas da

Primeira Internacional dos trabalhadores, realizado clandestinamente nos contornos de Florença em 1876, que, sob uma proposta motivada por Errico Malatesta, ele dizia ser o comunismo o arranjo econômico que melhor poderia tornar possível uma sociedade sem governo; e a anarquia (isto é, a ausência de qualquer governo), como uma organização livre e voluntária de relações sociais, para ser o melhor meio de comunismo. Um é a garantia da realização efetiva do outro e vice-versa. Daí a formulação concreta, como ideal e como movimento de luta, do comunismo anárquico.

Recordamos em outro lugar^{xii} que em 1877 o “*Arbeiter Zeitung*” de Berna elaborou os estatutos de um “Partido Anarquista Comunista de língua alemã”, e em 1880 o Congresso da Federação Internacional do Jura em Chaux-de-Fonds aprovou um relatório apresentado por Carlos Cafiero sobre “Anarquia e Comunismo”, sempre na mesma direção. Os anarquistas eram então chamados na Itália mais comumente socialistas; mas quando eles quiseram especificar eles foram chamados, como eles sempre foram chamados desde então até agora, comunistas anarquistas.

Mais tarde, Pietro Gori costumava dizer precisamente que de uma sociedade, transformada pela revolução de acordo com nossas ideias, o socialismo (comunismo) constituiria a base econômica, enquanto a anarquia seria coroação política.

Essas ideias, como detalhes do programa anárquico, adquiriram, como se diz, direitos de cidadania na linguagem política desde a época em que a Primeira Internacional deu os últimos sinais de atividade na Itália (1880–82). Tal definição ou fórmula do anarquismo – comunismo anárquico – foi aceita em sua linguagem até mesmo por outros escritores socialistas, que, quando queriam especificar seu próprio programa de reorganização social do ponto de vista econômico, não falavam do comunismo, mas do coletivismo, e diziam que eram coletivistas.

Isto até 1918, isto é, até que os bolcheviques russos, para se diferenciarem dos socialdemocratas patrióticos ou reformistas, não decidiram mudar de nome, retornando aquele dos “comunistas” que estava ligado à tradição histórica do famoso Manifesto de Marx e Engels de 1847, e que antes de 1880 foi usado no sentido autoritário e social-democrático exclusivamente pelos socialistas alemães. Aos poucos, quase todos os socialistas aderentes à Terceira Internacional de Moscou terminaram chamando a si mesmos de comunistas, sem ter qualquer relato do significado alterado da palavra, do uso abafado que foi feito dela por quarenta anos na linguagem popular e proletária e das situações mudadas nos partidos a partir de 1870 – cometendo assim um verdadeiro anacronismo -.

Mas isso se refere aos comunistas autoritários e não a nós; nem de nossa parte haveria qualquer razão para discutir a questão se eles tivessem se apressado, mudando seu nome, para explicar claramente qual mudança de ideias corresponde à mudança da palavra. Os socialistas transformados em comunistas certamente modificaram muito seu programa, em relação àquele que havia sido estabelecido no Congresso do Partido dos Trabalhadores em Gênova, pela Itália, em 1892, e em Londres, pela Internacional Socialista, no Congresso de 1896. Mas a modificação do programa deriva total e exclusivamente sobre métodos de luta (adoção de violência, desvalorização do parlamentarismo, ditadura em vez de democracia, etc.); e não se refere ao ideal de reconstrução social, o único ao qual as palavras comunismo e coletivismo podem se referir.

No que diz respeito ao programa de reorganização social, de arranjo econômico da sociedade futura, os socialistas-comunistas não o modificaram em progresso; Eles não tem se ocupado em absoluto. Na verdade, sob o nome de comunismo, há sempre o antigo programa coletivista autoritário que subsiste

– em um fundo distante, muito longe – a previsão do desaparecimento do Estado que aponta para as multidões em ocasiões solenes, para distrair sua atenção da realidade de uma nova dominação, que os ditadores comunistas gostariam de colocar em seus pescoços no futuro próximo.

Tudo isso é uma fonte de mal-entendidos e confusão entre os trabalhadores, que é dito uma coisa com palavras que os fazem acreditar em outra.

A palavra comunismo, desde os primeiros tempos, não significa um método de luta, muito menos um modo especial de raciocinar, mas um sistema de reorganização social completa e radical baseado na comunhão de bens, da alegria comum dos frutos do trabalho comum pelos componentes de uma sociedade humana, sem que seja possível apropriar o capital social para seu exclusivo interesse, excluindo ou prejudicando outros. É um ideal de reorganização econômica da sociedade, comum a várias escolas de socialismo (incluindo a anarquia); nem foram os marxistas que o formularam primeiro.

Marx e Engels escreveram, sim, um programa para o partido comunista alemão em 1847, traçando as diretrizes teóricas e táticas; mas o partido comunista já existia antes disso. Eles aceitaram a concepção do comunismo dos outros e não foram seus criadores em tudo.

A concepção comunista, naquele magnífico laboratório de ideias que foi a Primeira Internacional, foi cada vez mais especificada; e isso adquiriu seu significado particular, em confronto com o coletivismo, que em 1880 foi aceito de comum acordo na linguagem político-social tanto dos anarquistas quanto dos socialistas: de Karl Marx ou Carlo Cafiero, de Benedetto Malon a Gnocchi Viani. Desde então, o comunismo sempre entendeu um sistema de produção e distribuição de riqueza na sociedade socialista, cuja direção prática foi sintetizada na fórmula: *de cada um de acordo com sua força e capacidade, para cada um de acordo com suas necessidades*^{XIII}. O comunismo dos anarquistas, integrado no terreno político da negação do Estado, foi e é entendido neste sentido, para significar com precisão um sistema prático de ação socialista após a revolução, que corresponde tanto ao significado etimológico quanto à tradição histórica.

Os neo-comunistas, por outro lado, pelo “comunismo” entendem apenas ou predominantemente o conjunto de alguns métodos de luta e dos critérios teóricos adotados por eles na discussão e propaganda. Alguns se referem ao método de violência ou terrorismo de Estado, que deveria ser forçado pelo regime socialista; outros querem significar com a palavra “comunismo” o complexo de teorias que vão sob o nome de marxismo (luta de classes, materialismo histórico, conquista do poder, ditadura do proletariado, etc.); outros ainda por um método puro e simples de raciocínio filosófico, como o método dialético. Alguns o chamam, é por isso – empilhando palavras que não têm conexão lógica entre elas – comunismo crítico, e outro comunismo científico.

De acordo com a gente, tudo isso está errado; porque as ideias e métodos discutidos acima podem ser compartilhados e também usados pelos comunistas, e ser mais ou menos conciliável com o comunismo, mas por si só não são comunismo nem são suficientes para caracterizá-lo, enquanto eles poderiam muito bem ser reconciliados com outros sistemas que são inteiramente diversos e até contrários ao comunismo. Se quiséssemos nos divertir com jogos de palavras, poderíamos dizer que nas doutrinas dos comunistas ditatoriais há um pouco de tudo, mas o que mais falta é precisamente o comunismo.

Nós não contestamos de forma alguma – que se entenda bem – o direito dos comunistas autoritários a se chamarem como quiserem e adotarem um nome que tem sido nosso por quase meio século e que não temos intenção de renegar. Seria uma pretensão ridícula da nossa parte. Mas quando os neocomunistas discutem sobre anarquia com os anarquistas, eles têm uma obrigação moral de não fingir ignorar o passado, eles têm o dever elementar de não se apropriar do homem a ponto de torná-lo um monopólio, e criar entre os dois termos – comunismo e anarquia – uma incompatibilidade artificial como falsa.

Quando eles fazem isso, eles se mostram carentes de todos os critérios de honestidade polêmica.

Todos sabem que nosso ideal, sintetizado na palavra anarquia, tomado em seu conteúdo programático da organização libertária do socialismo, sempre foi chamado de comunismo anárquico. Quase toda literatura anarquista é socialista em um sentido comunista desde o final da Primeira Internacional. O coletivismo legalista e estatal, de um lado, e o comunismo anárquico e revolucionário, de outro, eram as duas escolas em que o socialismo se dividia, principalmente, até a eclosão da Revolução Russa, em 1917. Quantas polêmicas, de 1880 a 1916, não apoiamos os socialistas marxistas, os neocomunistas atuais, em apoio ao ideal comunista contra o coletivismo dos quartéis alemães.

No entanto, seu ideal de reorganização futura permaneceu o mesmo e acentuou bastante seu caráter autoritário. Entre o coletivismo que era então objeto de nossas críticas e o atual comunismo ditatorial, a diferença está apenas nos métodos e em alguma motivação teórica, não no objetivo imediato a ser alcançado. Isso é reconectado, é verdade, com o comunismo estatal dos socialistas alemães de antes de 1880 – o *Wolkstaat*, o Estado popular – do qual Bakunin fez uma crítica tão corrosiva; e também ao socialismo governamental de Luis Blanc, refutado de forma tão brilhante por Proudhon. Mas é reconectado apenas do ponto de vista político secundário, do método revolucionário estatal, não do ponto de vista econômico de sua própria – organização da produção e distribuição dos produtos –, em que Marx e Blanc tinham visões muito mais amplas e geniais do que seus herdeiros atrasados.

A dissidência, por outro lado, não está entre a anarquia e o comunismo mais ou menos “científico”, mas entre o comunismo autoritário ou estatal, empurrado ao despotismo ditatorial e o comunismo anarquista ou antiestatal com sua concepção libertária de revolução.

Que se uma contradição em termos deve ser falada, deve-se buscar não entre comunismo e anarquia, que são integrados ao ponto de que um não é possível sem o outro, mas sim entre comunismo e Estado. Enquanto houver um Estado ou um governo, não há comunismo possível. Pelo menos a sua conciliação é tão difícil e tão subordinada ao sacrifício de toda a liberdade e dignidade humana, que hoje parece impossível que o espírito de revolta, autonomia e livre iniciativa seja tão difundido entre as massas, faminto não só de pão, mas também de liberdade.

CAPÍTULO V – A Revolução Russa e os Anarquistas

A flecha de nascimento que os comunistas autoritários nos lançam quando não têm mais argumentos para se opor a nossas sólidas razões é nos pintar como “inimigos da Revolução Russa”.

Desde que lutamos contra a concepção ditatorial da revolução – de acordo com os nossos camaradas russos –, empunhando em apoio de nossos argumentos as terríveis consequências da liderança ditatorial da Rússia revolucionária e expondo os graves erros daquele governo, só por isso é que dizem que estamos lutando contra a Revolução Russa.

Esta não é apenas uma acusação injusta: é conjuntamente uma mentira e uma difamação. Se a causa da Revolução é a causa da liberdade e da justiça, não abstrata, mas prática, isto é, se é a causa do proletariado, da libertação desde último de toda a servidão política e econômica, de toda a exploração e opressão estatal ou privada; se a Revolução é a causa da igualdade social, podemos afirmar com razão que os únicos que permanecem fiéis à Revolução Russa hoje, à revolução feita por todos os trabalhadores russos, são os anarquistas.

Entendemos que em tempo de revolução, por um período não breve, muitas devem ser os espinhos para todos – e mais do que qualquer coisa para os revolucionários – e muitas poucas rosas. Mas a revolução deixa de ser tal se, mesmo minimamente, não é, e não sinaliza, uma melhoria para as grandes massas, se não assegura aos proletários um maior bem-estar, ou, pelo menos, se não é evidente aos olhos deste último que, uma vez que certas dificuldades temporárias tenham cessado, o bem-estar virá. Deixa de ser revolução, se não significa, na prática, uma extensão da liberdade de pensamento e ação – em todas as manifestações que não prejudiquem a liberdade dos outros – para todos aqueles que foram oprimidos pelo antigo regime.

Estes são os conceitos e sentimentos que nos guiam em nossa propaganda e em nossa polêmica. Propaganda e polêmica que não são animadas pelo espírito sectário, e menos de lances ou interesses pessoais; e que não prosseguimos no mínimo com um exercício puramente crítico e doutrinário. Sabemos que, por outro lado, cumprimos um duplo dever de importância política imediata.

O estudo da revolução russa, a luz lançada sobre os erros daqueles que a governam, a crítica do sistema bolchevique que triunfou ali, de um lado, é para nós um dever de solidariedade política com os nossos camaradas russos, que por ter as nossas ideias, para sustentar nosso ponto de vista – que acreditamos estar mais correlacionado com os interesses da revolução dos proletários – na Rússia, são privados desse governo de toda liberdade, perseguidos, presos, exilados e alguns enviados à morte. Por outro lado, é um dever trazer à luz o erro bolchevique, porque, se uma crise semelhante fosse determinada nos países ocidentais, o proletariado deveria tomar cuidado para não seguir um caminho, submeter-se a uma direção que agora sabemos da experiência direta o que significa o naufrágio da revolução.

Se pensamos assim, se estamos profundamente convencidos disso – o que nossos adversários não podem duvidar, porque não há outros, interesses ou paixões, que possam desviar nosso espírito de tal propósito – temos o dever, como anarquistas e revolucionários, de não sermos silenciosos. Mas tudo isso significa que somos contra a Revolução Russa?

A Revolução Russa é o maior evento histórico dos nossos tempos. Apressada e facilitada por uma causa enorme, a guerra mundial a superou em grandeza e importância. Se ela tivesse conseguido, se conseguisse, se conseguirá – como apesar de tudo que sempre queremos prever – quebrar as correntes doariado que prendem a classe trabalhadora, se às conquistas das revoluções anteriores somadas a da igualdade econômica e social, das liberdades para todos, não só da lei mas de fato, isto é, com a possibilidade material de que todos a desfrutem, a Revolução Russa ultrapassará em importância histórica a mesma revolução francesa de 1789–1793.

Se a guerra mundial não conseguiu arrancar toda a esperança de ressurreição para os oprimidos do mundo, se por causa disso os homens não serão empurrados por séculos, mas apenas até um certo limite, recuando para a animalidade ancestral, isso se deve incontestavelmente à Revolução Russa. É a revolução russa que elevou a moral e os ideais da humanidade, que empurrou todas as nossas esperanças e juntos o espírito coletivo de todos os povos para uma humanidade mais alta.

Enquanto naquele amanhecer triste de 1917, todos pareciam se apressar em horror, em morte, em mentiras, em ódio, na obscuridade mais escura, eis que a Revolução Russa repentinamente nos inundou, no mundo inteiro, a todos nós que sofremos com uma tragédia sem fim, de uma luz deslumbrante da verdade e da fraternidade, e o calor da vida e do amor voltou a circular pelas veias exaustas, através do coração já árido do operário internacional. Enquanto a memória do fato permanecer, todos os povos

da terra serão reconhecidos pelo povo russo por um esforço que, não apenas na Rússia e na Europa, mas nos cantos mais distantes do mundo habitado por homens, mais uma vez elevou as esperanças dos oprimidos.

Nós não disfarçamos em absoluto quanta fadiga, heroísmo, sacrifício e martírio o esforço do povo russo custou.

Nós, anarquistas, não seguimos os passos da revolução com restrições mentais, com um espírito sectário. Nós nunca dissemos, nem em público nem em nossa privacidade: até aqui, mas não mais. Embora a revolução esteja à frente, não nos preocupamos com qual partido obteve mais popularidade. Naquela época, ninguém falava sobre anarquistas russos, ou quase. Sabíamos que esses – e então as notícias confirmavam nossa persuasão com fatos – deveriam estar na linha de frente da batalha, fatores ignorados, mas importantes, da revolução. E isso nos bastava.

Nós não temos os interesses de partidos, nem os sacrifícios dos nossos precisam ser explorados para obter os privilégios de amanhã; e por essa razão que o silêncio no trabalho de nossos companheiros não perturbou nossa alegria. E quando os bolcheviques de março a novembro, antes de chegar ao poder (e também por alguns meses depois, até que a amarga experiência não confirmasse as previsões que a doutrina nos sugerira), eles apareceram como os inimigos mais enérgicos dos velhos opressores, da política de guerra, de toda transação com a burguesia; e lutaram contra o radicalismo democrático enraizado no capitalismo e, com ele, os social-patriotas, os reformistas, os revolucionários socialistas de direita, os mencheviques; e eles cooperaram depois de um pouco de hesitação em jogar no ar a ambiguidade da Constituinte, os anarquistas, sem rivalidades estúpidas ou invejosas, estavam ao seu lado.

Eles estavam idealmente ao seu lado, espiritualmente, fora da Rússia, e mais praticamente no terreno da propaganda e da política contra a calúnia e a difamação burguesas. Mais praticamente ainda estavam (e que inclusive quando se anunciava a oposição no terreno polêmico) contra os governos burgueses, quando se tentou impedir no terreno de ação direta tanto quanto possível o infame bloqueio contra a Rússia e os fornecimentos de guerra de seus inimigos. Sempre que o interesse da revolução e do povo russo entrava em ação, os anarquistas não recuavam, mesmo que entendessem que isso poderia indiretamente dar vantagens aos adversários.

A mesma coisa, em proporções mais vastas, com maior dispêndio de energias e com mais sacrifícios de luta armada e sangrenta, aconteceu na Rússia, onde nossos camaradas lutaram pela revolução contra o czarismo antes de 1917 com tenaz oposição a guerra, e depois com armas na mão em março; então contra a democracia burguesa e social-reformista em julho e outubro; finalmente lutando em todos os campos, deixando seus mortos, contra Judenicht, contra Denichine, contra Wrangel, contra os alemães em Riga, contra os ingleses em Arcángel, contra os franceses em Odessa, contra os japoneses na Sibéria. Muitos deles (e não é o caso de ver aqui se e em que medida eles estiveram errados) colaboraram com os bolcheviques na organização interna, civil e militar, naqueles que pareciam menos para eles em contraste com sua própria consciência e para a vantagem da revolução. E se hoje os anarquistas russos estão na oposição na Rússia e lutam contra a política e o governo bolcheviques, eles não fazem nada além de perseguir – a minoria heroica – a luta pela revolução iniciada em março de 1917.

O atual governo russo não só não é a Revolução Russa, mas tornou-se a sua negação. Isto era, por outro lado, inevitável porque é um governo. Lutar, no terreno polêmico e com argumentos revolucionários, que eles não têm nada a ver com os argumentos dos inimigos da revolução, o governo russo, não só não significa ser adverso à revolução, mas para defendê-la, para colocá-la libertá-la das manchas que a maior parte do público vê nela – manchas que não são suas, mas do partido do governo, – de sua nova casta dominante que parasitadamente está se formando em seu tronco em dano da grande maioria do proletariado –.

Tudo isto não nos impede de compreender a grandeza da revolução russa, realizando a renovação que dela resultou durante boa parte da nossa Europa. Nós só nos opomos à pretensão de um partido único de monopolizar o mérito e os frutos de um evento tão grande, o que aconteceu a propósito com sua participação, mas em proporções razoavelmente atribuíveis ao seu número e organização. A revolução russa não é de partido, mas de todo um povo; e este é o verdadeiro e principal ator da verdadeira Revolução Russa. A grandeza da qual não consiste na ordenação do governo, nas leis e eventos militares, mas na profunda mudança que ocorreu na vida material e moral da população.

Essa mudança é inegável. O czarismo morreu na Rússia, e com ele toda uma série de monstruosidades sem fim morreu. A velha classe dominante, nobre e burguesa, é destruída, e com ela muitas coisas foram destruídas de seus alicerces e, acima de tudo, muitos preconceitos que se pensava serem impossíveis de derrubar. Se a Rússia tiver a infelicidade de, ao que parece, formar uma nova classe dominante, o desânimo dos antigos assim erradicados nos faz esperar que o domínio do novo seja capaz de ser morto, por sua vez, sem dificuldade. A ideia inicialmente libertária dos “Soviets”, bem que estragado pelos bolcheviques e virou uma roda burocrática da ditadura, não em vão conquistou a alma russa; nela, a nova revolução está no germe, que será a única que pode atuar no verdadeiro comunismo, no comunismo com a liberdade.

A renovação moral da Rússia, devido à revolução, nenhum governo pode se apropriar ou destruí-la; e é o mérito exclusivo da revolução popular, não de um partido político. “*E, no entanto, apesar de tudo (me escrevia um camarada que retornou à Rússia há muito tempo atrás, depois da crítica do desgoverno bolchevique), a pressão de toda a vida do povo russo é tão grande que tudo aqui, na Europa capitalista, parece um paradigma mesquinho e estúpido, ‘pequeno-burguês’. Nada de vulgar ali; você nunca ouviu essas músicas vulgares cantadas por pessoas bêbadas; a atmosfera repugnante dos domingos e dos lugares onde as pessoas também se divertem nos países ocidentais, não existe. As pessoas realmente vivem, entre sacrifícios e sofrimentos incalculáveis, uma vida mortal mais intensa e melhor.*”

A Revolução Russa ainda está viva, de fato, dentro do povo russo. É a revolução que amamos, à qual celebramos com entusiasmo, com um coração cheio de esperança. Mas a revolução e o povo russo, repetimos sem nos cansar, não são o governo que os representa no exterior, diante do povo superficial. Um amigo, retornou em 1920 um entusiasta Russo, diante de minhas advertências de que os soviets foram ali uma espécie de subordinação humilhante, e sua eleição foi manipulada “fascisticamente” por agentes do governo, ele imprudentemente me respondeu: “*Mas se a maioria dos proletários pudesse escolher seriamente os soviets que preferiria, o governo bolchevique não permaneceria no governo por mais uma semana!*”

Se isso é verdade, quando criticamos – não as pessoas, nem os singulares, dos quais muitas vezes preferimos defender-nos contra os caluniadores da imprensa vendidos ao capitalismo –, quando nós, guiados pela preocupação constante de não cair com esta crítica em erros e exageros, nós atacamos o partido dominante na Rússia e seus partidários ansiosos para imitá-lo na Itália – porque vemos que seus métodos são desastrosos para a revolução, e isso se traduz em uma verdadeira contrarrevolução – como você pode dizer que “*somos contra a Revolução Russa*”?

O proletariado, que nos conhece e nos ouve, sabe que é uma afirmação ruim e ridícula, pois os escribas da burguesia são maus e ridículos, quando querem passar ofensas e acusações a todo o povo italiano, as duras críticas – com as quais também concordamos –, que os revolucionários estrangeiros dirigem o governo e a classe dominante da Itália.

(I) Não se inclui nesta edição.

(II) De acordo com o calendário russo, que termina 13 dias; Novembro para nós.

(III) Aqui o autor se refere ao que aconteceu na Rússia Soviética.

(IV) Não se acredite que Bukharin fala de anarquismo e anarquistas russos apenas. Em seu livreto, ele não faz distinção e fala da totalidade. Por outro lado, os anarquistas russos não são diferentes, em ideias e programas, dos anarquistas dos outros países. (Luigi Fabbri)

(V) Fabbri usa o termo “*partido*” no sentido “*partido das ideias*”, e não como um agrupamento político. O mesmo uso para Errico Malatesta. Aqueles que estão atualmente buscando justificar sua própria comunhão com a política, reunindo partidos políticos supostamente anarquistas, não podem confiar neste significado do termo “*partido*” usado por camaradas italianos. (Nota da edição anarquista)

(VI) Veja o “ABC do Comunismo”, de Bukharin e Preobrascewsky, editora Avanti, Milão. P. 85.

(VII) Obras de Marx, Engels e Lassalle, editadas por Avanti, Milão, Vol. II, “*A Aliança da Democracia Socialista e a Associação Internacional dos Trabalhadores*”.

(VIII) A palavra mazacote vem do *marzacotto* italiano, este do *mashaqūniyā* árabe, que, por sua vez, vem do siríaco *mšah qūnyā*, literalmente, “*pomada de soda*”; Português confere massicote.

(IX) Em “O ABC do Comunismo”, de Bukharin e Preobrascewsky, vai além. *“Duas ou três gerações terão que ser educadas sob as novas condições, antes que as leis, punições, repressão pelo trabalho do Estado proletário possam ser eliminadas”*.

(X) As objeções comunistas ao anarquismo, que reproduzimos em aspas ou em itálico, são sempre autênticas para Nicolai Bukharin.

(XI) Bukharin também critica a ideia antediluviana de distribuição, mesmo que em partes iguais, de riqueza. Naturalmente, ele não está errado, mas incluir isso em uma crítica geral do anarquismo é um verdadeiro anacronismo. Como Bukharin diz sobre o assunto, ele é encontrado em todos os opusculitos e jornais de propaganda que os anarquistas publicaram há quarenta anos.

(XII) Ver *Dictadura y Revolución*, de Luigi Fabbri, pág. 140.

(XIII) A fórmula dos coletivistas era *“cada um para o fruto de seu trabalho”* ou *“para cada um de acordo com seu trabalho”*. Inútil será dizer que estas fórmulas devem ser entendidas num sentido aproximado, como uma linha geral, e não de um modo absoluto e com um caráter dogmático, como foram usadas num determinado momento.



Vs



Nicolai Bujarin vs. Luigi Fabbri

Biblioteca Anarquista



Luigi Fabbri, Nikolai Bukharin
Anarquismo e Comunismo “Científico”
Confrontação ideológica entre um Marxista e um Anarquista
1922

@PDF

Titulo Original: *Anarquismo y Comunismo “Científico”*. Tradução e Revisão por André Tunes

@Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org